

Questões do campo religioso de Soure, Ilha do Marajó, durante as eleições de 2000

Marcos Silva da Silveira¹

Resumo: As eleições municipais de 2000, em Soure, Pará, foram precedidas de uma séria crise política, vivenciada com um largo uso de recursos simbólicos, fez com que a eleição de outubro tivesse um caráter de “salvação”. O prefeito eleito articulou o apoio de diversas lideranças religiosas e culturais presentes na cidade, imprimindo um tom “purificador”, à sua candidatura e a sua vitória. No ano seguinte, verificou-se uma acirrada competição entre líderes das principais religiosidades da cidade, católicos, pentecostais e pajés, que procuravam otimizar sua participação na “salvação” do município. Essa competição permite uma reflexão, a partir de um caso, a respeito do campo religioso brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Identidade brasileira; Campo religioso; Política municipal; Amazônia.

Issues in the religious field of Soure, Marajó Island, during the 2000 elections

Abstract: The 2000 municipal elections in Soure, Pará, were preceded by a serious political crisis, experienced with a wide use of symbolic resources, which made the october election have a “salvation” character. The elected mayor articulated the support of various religious and cultural leaders present in the city, giving a “purifying” tone to his candidacy and his victory. The following year, there was fierce competition between leaders of the city’s main religiosities, catholics, pentecostals and shamans, who sought to optimize their participation in the “salvation” of the municipality. This competition allows for a reflection, based on a case, about the contemporary brazilian religious field.

Keywords: Brazilian identity; Religious field; Municipal policy; Amazon.

¹ Professor titular na UFPR, pós-doutor pelo Museu Nacional (UFRJ) (2015), doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília (1999), mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (1994) e possui graduação em Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (1986). Atualmente, é professor associado IV da Universidade Federal do Paraná, junto ao PPGA e ao curso de Ciências Sociais. E-mail: ssilveira@ufpr.br

Introdução²

No ano de 2000, após concluir o doutorado em Antropologia na Universidade de Brasília, assumi um contrato de professor visitante na UFPA, junto ao departamento de Antropologia. Meu objetivo era, além de dar aulas, pode pesquisar a religiosidade amazônica, sob a orientação de Raymundo Heraldo Maués. A pesquisa acabou acontecendo na cidade de Soure, Marajó Oriental, onde a UFPA possui outro *campus*. O objetivo da pesquisa era acompanhar os festejos e cerimoniais da cidade, famosa pelo seu calendário cultural. Carnaval, festivais de quadrilha, festas juninas, círios, festas de santos padroeiros, obrigações aos “encantados caboclos” e aos Orixás africanos, batizados evangélicos, compunham um calendário anual bastante elaborado, que atendia a públicos variados e também era responsável por um fluxo turístico permanente, tanto da Ilha do Marajó como um todo, como de Belém e de Macapá.

Fui favorecido por uma crise política que se abateu no município em 2000, com a destituição do prefeito e a nomeação de um interventor, às vésperas da nova eleição. As diversas lideranças religiosas locais promoveram intervenções na cena política, a partir de suas procissões e festas de santo. O objeto da pesquisa, deslocou-se para as relações entre o plano político e o plano religioso, por meio das relações entre suas lideranças e a manipulação de símbolos religiosos em função da crise política.

Esse estudo em Soure, revelou-se exemplar na medida em que católicos, evangélicos e espíritas uniram-se em 2000, administrando uma crise política e elegendo um prefeito independente, quanto, nos anos seguintes passaram rapidamente a negociar, a partir desse novo quadro, projetos sociais divergentes e concorrentes entre si. Vistos, vinte anos depois, a partir do cenário religioso e político atual do Brasil, é possível afirmar que tendências, hoje consagradas, já se esboçavam naquele tempo e naquele espaço, com características próprias.

O campo religioso brasileiro politizou-se bastante nas duas últimas décadas. Não creio que isso se traduza, por outro lado, em uma “espiritualização” da política, ou coisa do gênero, como, talvez, algumas correntes religiosas gostariam de acreditar. Ao contrário, creio que assistimos ao estabelecimento de uma vigorosa tendência intramundana no nosso cenário religioso, nos termos consagrados de Max Weber e Louis Dumont. Os líderes religiosos e suas instituições passando a agir cada vez mais sobre o “Mundo”, um mundo cada vez mais entendido como o “Nosso Mundo”. De qualquer maneira, minhas questões teóricas iniciais seriam deslocadas pelo campo. Acabei me vendo diante de processos rituais que mereceriam ser interpretados à luz de uma Antropologia da Política, como discutido por Karina Kuschnir (2005). Continuei procurando observar rituais religiosos, mas, buscando compreender suas expressões e influências na vida política.

Discutindo a partir de uma pesquisa realizada no Sul da Bahia, Marcio Goldman (2006) faz uma série de considerações úteis para repensar este material de pesquisa de vinte

² Originalmente, apresentado no 44º Encontro Anual da ANPOCS/ GT50 - Religião e Sociedade: reunir temáticas e revisitar limites. Coordenadoras(es): Rodrigo Toniol (UNICAMP) e João Rickli (UFPR), em 2020.

anos atrás. Trabalhando as relações políticas dos grupos afros com a classe política da região, pode perceber que a vida política desses lugares, em vez de ser “periférico” aos grandes centros de decisão, revelam, à sua maneira, dimensões relevantes dos processos políticos vigentes no País. Melhor do que insistir na tese de que falta alguma coisa na democracia brasileira é procurar desenvolver abordagens simultaneamente macrosociológicas e micropolíticas que permitam explicitar bem alguma coisa sobre o sistema político em questão. Destacar a experiência dos interlocutores com os seus diversos pontos de vista, sempre divergentes, em se tratando de política. É o que segue.

A Crise Política

No primeiro semestre do ano, chove muito em Soure. Por isso, resolvi dar início ao meu trabalho de campo somente no período compreendido pela última semana do mês de julho e a primeira de agosto. É o fim das férias de verão, quando a cidade recebe *shows* de bandas semanalmente, entre outras atrações menores. Veraneio nas praias, grande atração para os estudantes universitários de Belém que esperam o reinício das aulas.

Quando cheguei na cidade, não encontrei os moradores se preparando para os Círios de outubro e novembro, que eu pretendia acompanhar, mas com um impasse político. O prefeito, eleito em 1996, havia deixado de pagar o funcionalismo público, nos meses de maio, junho e julho, meses importantes do calendário cultural da cidade.³ Ele havia sido destituído pela Assembleia legislativa em abril, por diversas irregularidades, além do atraso sistemático dos pagamentos. Retornou por meio de um mandado de segurança. Com a chegada do mês de agosto, a insatisfação de todos os que dependiam dos pagamentos da prefeitura aumentava dia a dia. Não só não pagava os salários como não saldava as dívidas junto ao comércio local, deixando a economia de Soure paralisada, em larga medida.

Os professores da rede pública suspenderam as aulas e ocuparam a prefeitura, impedindo o prefeito de continuar à frente do governo. Ao final do mês de agosto, correu um boato de que o prefeito e a esposa se preparavam para deixar a cidade, fugindo para Belém. A população, revoltada, cercou sua casa e começou a apedreja-la, além de ameaçar incendiá-la. O prefeito e sua família tiveram que sair escoltados pela polícia para, de fato, pegarem um barco para a capital. O próprio prefeito terminou por pedir uma intervenção estadual no município, como forma de garantir a realização das eleições municipais. O governo estadual nomeou um interventor que governaria Soure entre os meses de setembro a dezembro, garantindo a realização das eleições

³ Em junho começa o verão na região amazônica, com dias ensolarados dando lugar às chuvas diárias e torrenciais dos cinco primeiros meses do ano. É uma época festiva, celebrada com as comemorações da quadra junina. Julho é o mês do veraneio paraense, com praias cheias e uma série de atividades de lazer por todas as praias do estado. A ilha do Marajó, em particular as praias de Salvaterra e Soure, são muito visitadas, principalmente na segunda quinzena do mês. A maior parte dos turistas é do próprio estado, sendo que muitos são naturais da região. Soure é reconhecida por seus agentes de turismo como um típico balneário de jovens de Belém. Ver, a respeito, Figueiredo (2000).

Carla Costa Teixeira (1998, p. 17) formulou uma discussão sobre a “natureza demoníaca da política”, para tratar destes casos que os políticos trabalham em função de seus interesses particulares em detrimento dos interesses públicos e coletivos. O que chamou a atenção, neste caso de Soure em 2000, foi como a população passou a dramatizar, ritualizar e celebrar suas possibilidades de reivindicação e intervenção diante dessa crise, utilizando como recursos de mobilização práticas religiosas como cultos ecumênicos, reuniões de oração e bênção, além das passeatas e protestos.

Toda essa enorme mobilização popular, foi apoiada pelas lideranças católicas, evangélicas e pelos pajés e mães de santo locais. Na sequência, uma série de eventos de caráter religioso marcaria todo o processo eleitoral. O vencedor das eleições foi um candidato independente, médico, que derrotou os velhos “caciques” locais, imprimindo um caráter terapêutico à sua campanha, à sua vitória, e ao seu governo, dialogando tanto com os católicos e evangélicos quanto com os pajés e mães de santo da Ilha. Depois do seu governo, voltou ao seu hospital, não se candidatando à reeleição nem a outro cargo eletivo nas eleições de 2004. Se tomamos as discussões de Kuschnir (2000, p. 15) sobre o mesmo tema, com a noção do “Mito do deputado ideal”, temos um vislumbre da construção desta candidatura vitoriosa. Como discute a autora, há um imaginário para o qual, a princípio, todos os políticos são desonestos, exceto aqueles que realmente levam o seu mandato a sério e trabalham para os eleitores, cuidam do povo, ajudam os que o procuram. Estes são exceções valorizadas. A candidatura desse médico foi muito negociada, ele não tinha ambições políticas e apresentou-se como um nome “neutro”. Nem era um dos velhos caciques locais e nem estava apoiado por nenhum deles. Não era estranho aos quadros políticos e sociais locais, movendo-se com desenvoltura no cenário político em crise. O apoio das lideranças religiosas e culturais e do funcionalismo público, foi decisivo para a sua vitória.⁴

Todo o processo de mobilização social ocorrido em torno da sucessão do prefeito de Soure foi tão cerimonialmente marcado, que é possível tratá-lo como parte de um Drama social, conforme discutido por Victor Turner (2008, p. 19). Diante de uma crise social, processos rituais viabilizam ações corretivas até que a situação possa retornar a alguma normalidade. Processos rituais, nesse caso, envolvendo, inclusive, o pleito municipal. Heredia (2002) discute como o processo eleitoral é parte de um sistema permanente de relações entre eleitos e eleitores, que compõem, de fato, a vida política municipal. Em um momento anterior, Palmeira e Heredia (1995) discutiram como os pleitos municipais integram-se no complexo de cerimônias religiosas e culturais aonde são realizadas. Suas reflexões contribuem para uma análise de como reivindicações políticas são negociadas dentro de uma lógica de contraprestações sociais, que os agentes envolvidos procuram considerar, nos seus respectivos termos simbólicos. O caso de Soure demonstra limites deste tipo de negociação, da dialética entre uma lógica de reciprocidade e uma lógica da ação política, propriamente dita, por meio de situações distintas, que consideraremos a seguir, em separado.

⁴ Essa vitória não foi de “lavada”, como se diz. O prefeito eleito, pelo PL, partido inexpressivo na região, ficou com 27 % dos votos. Os candidatos derrotados em 2º e 3º lugar, do PTB e do PMDB, praticamente empatados com 22 % dos votos. Em números, ele se elegeu com 400 votos acima do segundo colocado, perfazendo 8000 votos.

Processos rituais, como define bem Tambiah (1985, p. 134), combinam uma dimensão altamente formal com significados contextuais. Por mais padronizados e repetitivos que desejem que sejam, por parte de seus realizadores, sempre há espaço para acontecimentos circunstanciais se manifestarem, revelando e expressando questões importantes do contexto social que o promove naquele momento.

A ação católica

Assim que retornei a Soure, ainda em agosto de 2000, deparei com uma pequena faixa, estendida no jardim do complexo da Igreja Matriz., com os dizeres: “maria clama por justiça”. Três semanas depois, na frente do salão paroquial era possível ler, disposto em várias faixas: “queremos punição urgente para as pessoas que não souberam administrar a verba do FUNDEF”; “os funcionários clamam por seus salários em dia”; “queremos nossos salários pelo amor de deus. socorro!”.

Esses espaços da Igreja Matriz, normalmente vagos, eram ocupados apenas por avisos de atividades desenvolvidas no salão paroquial, como reunião de jovens e senhoras. Agora, estavam sendo mobilizados pelo movimento dos servidores municipais, com os professores à frente. Tanto o bispo católico quanto a madre superiora, diretora de um colégio, foram intermediários relevantes entre os representantes políticos e o movimento popular. Como relembrou a madre superiora:

Foi aquele momento de tumulto, mas a gente foi conversar com os policiais, pediu muito e a gente formou uma comissão de frente de greve, onde eu estava participando com mais outros professores e funcionários de outras categorias; então nós ficamos lá apossados na prefeitura e imediatamente a gente começou a fazer campanha de pedido de alimentação, de tudo que precisava e o povo teve uma solidariedade muito bonita, que todo mundo levava, bastava a gente anunciar no som que estava faltando um feijão, um arroz, um açúcar que todo mundo ia levando, gás, tudo. Então começou a fazer um alimento comunitário para dar pra todo mundo que estava lá; e o povo dormia lá na prefeitura; a porta, as coisas tudo caindo da prefeitura e o povo por sinal consertou. Agora a gente entrou num acordo pra não chegar depredando nada, não destruir nada, não ter violência, nem com a polícia. Então, os policiais, pra onde a gente ia eles iam seguindo a gente, a comissão; eu lembro que nós tivemos que ir na casa do presidente da Câmara conversar, o prefeito não foi possível porque ele fugiu da gente; fomos pra juíza em pleno dia de domingo, ter audiência com a juíza, uma manhã inteira de audiência com a juíza; depois, o prefeito quando se viu cercado mandou me chamar lá na casa dele que queria falar comigo, sabia que era eu; só que não dava pra eu ir, não tinha como, e depois ele me mandou chamar na casa dele mas quando eu estava indo o bispo chegou, convidei o bispo e nós fomos conversar; estava ele e todo o secretariado dele. Ele estava muito agressivo, por sinal, a mulher dele veio de lá e me agrediu muito, falando que eu estava encabeçando a greve, ameaçando as crianças de perder pontos por participar da greve; eu disse pra ela que não estava fazendo aquilo, primeiro porque não tinha aula, então não tinha nada de tirar ponto; segundo era a própria situação

que estava fazendo todo mundo ir, que eu não estava obrigando ninguém; era o povo mesmo que estava revoltado.

O Círio de Nazaré de Soure acontece entre a segunda e a terceira semana de novembro, um mês depois do Círio de Belém. As eleições já haviam acontecido e a vitória do candidato independente fora muito comemorada pelos seus apoiadores e pelo movimento dos professores e funcionários públicos. A cidade esvazia quando do Círio de Belém e fica cheia durante os dois finais de semana de seu próprio Círio, com a vinda de sourenses que trabalham e vivem em Belém ou Macapá, mas têm laços familiares na cidade. Naquele momento, havia um sentimento de agradecimento, na procissão, estimulado pelos organizadores da festa, já que o interventor conseguira realizar as eleições e o candidato eleito procurava dialogar com as organizações comunitárias locais. Não havia tomado posse ainda, e os salários atrasados não haviam sido pagos. O clima reinante, todavia, era de decepção, como sintetiza uma das líderes do movimento popular, uma professora de Soure:

O círio olhando pelo lado religioso foi ótimo, mas olhando pela nossa situação, pelos funcionários continua ainda aquela angústia tanto pelo município como a nível de estado. O Almir Gabriel ⁵ cortando os direitos, tem funcionário que perdeu salário família, outros saíram do IPASEC e passaram para o INSS porque a questão da saúde ficou mais precária ainda e os reajustes que há sete anos que ninguém, os salários não são reajustados. Quer dizer, a pessoa não tem aquele ânimo, todo mundo trabalhando, mas todo mundo entalado com a situação que vem sofrendo o professor. Aqui pelo menos no município o prefeito fez a festinha do professor, a maioria não foi, não foi porque acha assim, que não tem nada que ficar comemorando, que as coisas estão ruins.

A procissão fora organizada pela Igreja, na matriz do Menino Deus, como sempre, mas, neste ano a madre superiora foi a Voz do Círio. Era ela que, em um carro de som, conduzia a procissão, exortando os fiéis em sua devoção à Maria de Nazaré. À mediação de Maria, enquanto mãe de Jesus, sobrepunha-se a sua mediação de madre superiora, líder religiosa e comunitária, nessa cerimônia que celebra, entre outras coisas, a matrifocalidade característica da região.

O Círio consiste, basicamente, na saída da Virgem de Nazaré da Igreja Matriz, na sexta-feira, em peregrinação por uma série de capelas da cidade, até que no domingo de manhã, ela retorna para a Matriz. Ao longo desse percurso, ela é adorada pelas famílias que moram ao longo do percurso, com fogos de artifício e faixas de agradecimento, mas também com um rito mais singelo. As famílias colocam suas próprias imagens da Virgem de Nazaré em altares improvisados na rua, de forma que a Virgem, da Matriz, circula pelas virgens dos lares. As mulheres das residências permanecem junto às suas imagens, para assistir a Virgem passar, e recebem homenagens juntamente com ela.

No imaginário popular, a Santa sai para visitar seus adoradores, e o Círio consiste exatamente nisso. A reunião de famílias sourenses é impressionante. Casas que permanecem

⁵ Governador eleito do estado do Pará, à época, político do PSDB.

fechadas, a maior parte do ano, são reabertas, recebendo um grande número de hóspedes. Não é uma festa turística, pois a rede hoteleira não lota durante este fim de semana, mas a cidade fica cheia, graças aos “filhos de Soure” que retornam durante a festa.

Aspectos importantes da vida social de Soure desfilam junto à Virgem de Nazaré. Vaqueiros vindo das fazendas, alguns exibindo camisetas de suas fazendas, outros, trajes típicos do vaqueiro marajoara; a guarda municipal montada em búfalos; carros de búfalo enfeitados acompanham o cortejo; o deputado estadual que se elege por Soure e Salvaterra, cidade próxima, cede seu carro de som para a organização do Círio, que sempre ostenta seu nome; ao longo do percurso, políticos e instituições civis saúdam a passagem da Virgem com faixas; famílias colocam faixas de louvor nos muros. Em algumas residências, sonoras queimas de fogos são realizadas. A procissão vai se espalhando pelas grandes avenidas de Soure, onde pequenos comerciantes colocam algumas mesas para servir bebidas e tira-gostos. Algumas famílias fazem o mesmo, assistindo ao Círio sentadas na frente de suas casas. De fato, existem duas maneiras de se participar do Círio, acompanhando a procissão ou esperando ele passar pela porta de casa ou em algum ponto privilegiado na rua. Algumas pessoas ficam bebericando e conversando, esperando o Círio passar. Ao final da procissão, as ruas se esvaziam e os participantes da procissão dirigem-se às suas casas, para o almoço do Círio, em geral uma maniçoba⁶, que pode durar a tarde inteira, esvaziando as ruas.

Um grande momento do Círio foi quando ele passou em frente ao colégio das freiras, o Stela Maris, dirigido pela madre superiora. É realizada uma homenagem à Virgem, com crianças vestidas de anjo atirando papel picado. O tom da homenagem continua ao longo de toda a procissão. Em um certo sentido, quando a procissão vai terminando, é como se o povo fosse, progressivamente, tomando a Santa novamente para si, até que esse mesmo “povo” a entrega de volta à Igreja matriz e a seus guardiões eclesiásticos. Lembra, mais uma vez, a madre superiora:

No ano passado o tema foi a festa da partilha. A homenagem que nós fizemos foi diferente ressaltando os trezentos nomes que a Nossa Senhora tem, devido às diversas circunstâncias em que ela se manifestou na vida do povo; então de acordo com cada situação que ela se manifestou, por exemplo, ela é considerada Nossa Senhora Aparecida porque ela apareceu na rede dos pescadores, por isto ela é Nossa Senhora Aparecida; então, de acordo com os títulos que ela teve nós colocamos uma música que fala de Maria com os trezentos nomes que ela tem, foi esta homenagem e pedimos nós priorizamos a realidade da educação, visto que ano passado passamos por um momento muito difícil na vida da educação, entramos até em greve, paralisamos e foi até intitulada a escola como cabeça da greve pelo fato de ter começado aqui no quintal da escola a reunião que levou a tomada da prefeitura.

⁶ Típica comida paraense, feita com folhas de maniva cozida com carne de porco, em sua versão marajoara original. É a comida mais característica do Círio de Soure, movimentando um notável comércio de porcos “caipira”, que são abatidos nos quintais das casas da cidade. Como leva dias para ficar pronta, sua preparação é uma das características da época do Círio, com seu cheiro se espalhando pela cidade.

Os evangélicos

Os evangélicos têm um estilo de vida bem distinto dos católicos paraenses, com atividades sociais que eles mesmo organizam e promovem, mas, sua participação na vida política local era muito bem definida. Os pastores, diáconos e presbíteros apoiavam candidatos, recebiam políticos e influenciavam o voto de seus congregados.

Maior culto pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus foi fundada em Belém do Pará em 1911. O fundador da Igreja, o missionário sueco Gunnar Vingren visitou o Marajó, em 1912, estando na região de Soure, onde também abriu um templo. Essa viagem tem contornos míticos, com seus próprios milagres, fazendo parte da história oficial da Assembleia de Deus e da memória dos evangélicos locais. Além da Assembleia, encontravam-se presentes a Igreja Cristã Evangélica do Brasil, a Igreja Quadrangular, a Batista, a “Jesus te ama”, a Universal do Reino de Deus e a Adventista do Sétimo Dia, mas somente a Assembleia de Deus estava presente em todas as vilas da região. Vale lembrar que a Assembleia de Deus tem, em Soure, um *status* de religião tradicional comparável à Católica, devido à sua antiguidade e à sua influência.

No segundo semestre de 2000, chamou a atenção, em primeiro lugar, a participação dos evangélicos em uma série de cultos ecumênicos realizados tanto pela Assembleia de Deus quanto por outras denominações evangélicas, aproveitando a oportunidade para marcar presença diante da crise política. O primeiro destes cultos ecumênicos aconteceu no Sete de setembro. Não houve desfile de escolas nem de outras instituições do Estado. Ao contrário, foi realizado um evento cívico religioso. O hino nacional foi executado pelas bandas evangélicas. A Igreja Católica fez a abertura com uma liturgia, enquanto o pastor da Assembleia de Deus iniciou um louvor, seguido da leitura da Bíblia. Novamente, o padre católico assumiu o ofício realizando uma adoração e uma oração em favor da cidade. O evento aconteceu cedo, entre as sete e nove da manhã.

À noite, o pastor da Assembleia promoveu uma corrente de oração em frente à Prefeitura. Os evangélicos levaram sua parafernália. A mocidade da Igreja, liderada pela banda Jetsema animava o evento, que tinha um tom bastante festivo, em contraste com o tom sério e preocupado do sermão do pastor. O grande momento da noite foi a oração coletiva e a bênção, quando todos os presentes procuravam envolver a prefeitura com sua corrente de fé. Ao final da cerimônia, a banda continuou tocando, enquanto um tacacá, comida típica da Amazônia era oferecido aos presentes. A Assembleia de Deus nunca tinha feito um evento desse tipo na cidade, em toda a sua história.

Era uma maneira evangélica de estar presente na cena política, ocupando, à sua maneira, um espaço que se fez disponível a partir da invasão da prefeitura, e continuava com a chegada do interventor. Este, empossado, cederá o palanque para a Assembleia de Deus promover a cerimônia do dia da Independência. O outro evento foi um culto ecumênico realizado no ginásio da cidade, o espaço mais importante da vida cultural de Soure, antes da posse do prefeito eleito, no dia primeiro de janeiro de 2001, com o objetivo explícito de ser um culto de bênção em favor deste novo prefeito. Os membros da Câmara Legislativa acompanharam

o culto, promovido pela Igreja Católica e pela Assembleia de Deus, mas executado pelo pastor batista de Soure. Mais de trezentas pessoas estavam presentes, lotando o ginásio.

Pajelança e umbanda

A Ilha do Marajó, como um todo, é considerada uma “Ilha Encantada”. Seus Encantos não são apenas suas paisagens naturais, mas os espíritos dos Encantados, que povoam diversos locais e o imaginário local com aventuras envolvendo tanto estes entes quanto os pajés que os controlam e com eles trabalham. Existe muita pajelança na Ilha e em Soure. Como três quartos da população do município é urbana, muitos terreiros e casa de santo são encontrados nos diversos bairros da cidade. A participação desses líderes religiosos na política também é notável, sendo que a vereadora mais votada no pleito de 2000, uma líder comunitária muito popular, era pajé. Diversos candidatos a vereadores fizeram campanha em terreiros, com o apoio de pajés e mães de santo.

Na noite de 24 de agosto de 2000, a noite de Exu, foi realizado um grande comício pelo candidato que seria eleito, em uma encruzilhada, formada pelo característico traçado modernista de Soure⁷. O comício aconteceu no bairro do São José, onde está a colônia dos pescadores e muitos dos terreiros da cidade. Alguns líderes desse culto chegaram a alterar suas festas para Exu, em função do comício. O apoio dos líderes e frequentadores dessas Casas de Santo ao candidato vencedor era bem evidente, embora nem todos os pajés o tenham, de fato, apoiado. Outros candidatos a prefeito, todavia, nem marcaram comício para esse dia, nem tiveram um apoio tão explícito dos pajés. Uma mãe de santo importante da cidade realizou sua festa de Exu no dia 23 de agosto, enquanto noutra Casa, a incorporação dos médiuns, pelos Exus da Casa, só teve início ao final do comício, quando os frequentadores habituais da festa apareceram, e as entidades, finalmente se manifestaram.

Há alguns anos, o representante da Federação Umbandista Paraense em Soure conseguiu com um prefeito que uma pequena praça, localizada em uma relevante encruzilhada em um dos limites da cidade, fosse transformada na Praça do Exu. O local serve, desde então, de palco para as oferendas que uma série de tendas e terreiros de Umbanda de Soure realizam em homenagem a este ente do panteão afro-brasileiro. Por causa da crise, a festa não foi realizada em 2000, cada casa de santo realizou suas “obrigações” para Exu em seus próprios limites, o que também viabilizou esses arranjos em relação aos eventos políticos da eleição municipal.

O Círio de 2001

Durante o círio de 2001, esse campo religioso, antes em crise, se reorganizou em novas direções. O ambiente de ecumenismo, presente no final de 2000, desaparecera, sendo

⁷ O traçado da cidade de Soure, com largas ruas, arborizadas por canteiros centrais, cortadas por dezenas de travessas, foi realizado pelo mesmo engenheiro que projetou Belo Horizonte, no início do século XX.

substituído por um clima de confronto ritual entre membros das instituições da religiosidade local.

O primeiro evento a ser considerado, todavia, veio a ser a realização do *reality show*, “No Limite”, em uma fazenda nas imediações da cidade, na região do bairro do Tucumanduba. O prefeito eleito negociara sua realização no local, junto à Secretaria De Turismo do Pará. A instalação da infraestrutura do evento, que permaneceu na região durante alguns meses, injetou muito dinheiro na economia local. Funcionários da emissora hospedaram-se nos principais hotéis da região, casas foram alugadas, uma série de serviços e produtos requisitados, e, mais do que isso, Soure, ou pelo menos suas praias “selvagens” estavam sendo vistas em todo o Brasil. Para uma cidade que vivera uma crise política e econômica tão aguda, o novo prefeito parecia trazer uma época de ansiada prosperidade.

O Círio de Nazaré de Soure, em 2001, fora, ao contrário do de 2000, uma grande festa de agradecimento. Festa rica, com várias famílias promovendo queimas de fogos extremamente suntuosas e esmerando-se nas decorações de suas casas e ruas. A festa continuou a desdobrar-se em uma série de pequenos círios. Começa com o Círio dos estudantes, realizado na sexta-feira pela manhã. Esse Círio passa pelas principais escolas da rede oficial e termina na capela de Santa Maria dos pobres, localizada na “Invasão”. De tarde, após um culto realizado pelos leigos, ela saiu em procissão para a capela de Santa Rita, localizada na parte Leste da cidade, no “bairro novo”. No sábado, sai dessa capela em direção à Capela de São José, na cerimônia denominada “pré-transladação”, atravessando a cidade, no sentido norte-sul, da parte mais nova para a mais antiga, pois a Igreja de São José está localizada na parte mais antiga da cidade, junto à foz do Rio Paracauari.

No domingo, finalmente, a imagem sai da capela de São José para a Igreja Matriz, atravessando as principais vias do centro da cidade. No sábado à noite, todavia, a população católica, ao voltar da transladação, foi surpreendida com uma manifestação de jovens da Assembleia de Deus, que realizava um protesto em frente à mesma, denunciando a “idolatria” da festa de Nazaré, e, principalmente, protestando com relação à passagem da procissão pela quinta rua, onde está localizado o templo principal da Assembleia de Deus, o primeiro templo, de 1912, e a “praça da Bíblia”, um espaço evangélico reconhecido pela prefeitura, localizado no seu canteiro central.

Houve um certo mal-estar, mas o protesto teve resultados. Segundo os organizadores católicos da festa, eles evitaram fazer alusões à Maria, quando passavam pelo trecho, baixando o som dos alto-falantes e optando por: “Viva Jesus”!!! O carro de som, na verdade um caminhão de trio elétrico, passou, com a imagem da Virgem, pelo lado oposto ao templo principal, apressando o andamento da procissão, que faz uma curva na esquina da praça da Bíblia.

Questões mais antigas vieram à tona. O pastor da época, nascido e criado em Soure, lembrava que originalmente o Círio de Nazaré não passava por ali, e que os católicos podiam ter boa vontade em reconduzir o percurso da procissão ao seu traçado original. Os católicos, por sua vez, argumentavam que aquele percurso era “tradicional” e que nunca tiveram problemas com os evangélicos.

Esse clima de “acerto de contas” teve também uma contrapartida por parte da Federação umbandista. O representante da mesma esforçava-se por lembrar o caso do embate entre os umbandistas e a Igreja Católica, com relação à realização da festa de Iemanjá. A Igreja Católica mantém em uma praia de Soure um sítio para retiros espirituais. O local, conhecido como Betânia, fica situado junto à antiga praia do Mata Fome, muito popular entre os moradores e veranistas. Nessa praia, começaram os festivais de Iemanjá, a orixá padroeira das águas, em dezembro de 1980.

Em 1985, o frei responsável pelo local tentou impedir a realização do festival, cercando o acesso à praia, situada logo após o muro da floresta de Betânia. A Federação de Umbanda entrou com um mandado de segurança. A juíza, à época, deu parecer favorável à Federação, ordenando a retirada da cerca. Como o representante da Federação era um funcionário da polícia civil, levou uma equipe de presidiários para derrubar a cerca, e a festa foi realizada.

A praia do Mata Fome, porém, tinha problemas. A retirada excessiva de areia de suas dunas, para a construção civil, causou alguma desordem ambiental de sérias consequências. Com a força das grandes marés equinociais que se abatem sobre suas praias, a areia terminou por desaparecer. A praia deu lugar a um lamaçal, hoje um manguezal em formação. Os pajés interpretaram o fenômeno como um castigo de Iemanjá, desgostosa com a perseguição do frei.

Este, por sua vez, teve um derrame em um globo ocular, terminando por perder a visão. Acabou transferido para a vizinha cidade de Salvaterra. Devido ao fim da praia, o festival de Iemanjá mudou para a praia de Santa Marta, em frente ao Hotel Ilha do Marajó, o maior hotel de Soure. Os proprietários do hotel apoiam a festa, que faz parte do calendário de eventos culturais da cidade. O fluxo turístico deslocou-se da Praia do Mata Fome para as praias do Pesqueiro, a 8km do centro da cidade, onde os festejos de Iemanjá eram realizados anteriormente e para a praia da Barra Velha, situada do lado da Praia do Mata Fome. É atual praia na cidade, por excelência.

Comparável ao incidente com os evangélicos, a Federação umbandista aproveitava o momento para enfatizar seus espaços, conquistados ao catolicismo, e lembrar o seu lugar dentro da sociedade local. O “*reality show*” ao apresentar a natureza de Soure para todo o Brasil, tivera como efeito um incremento no culto aos encantados, visto como protetores da natureza da região. A fazenda São Jerônimo, transformada em atração turística, é considerada lugar de encantarias, que são devidamente cultuadas pelos seus proprietários. Histórias envolvendo os Encantados e os participantes do Programa circularam pela cidade.

Para discutir essas especificidades, o modelo desenvolvido por Bourdieu, a partir de Weber, é muito útil. Bourdieu (1987, p. 83) considera as relações recíprocas estabelecidas entre leigos, sacerdotes, profetas e feiticeiros, enquanto negociações em torno do *trabalho religioso* promovido por estes especialistas. Grosso modo, poderíamos situar os padres, pastores e pajés, a partir dessas categorias analíticas, com o objetivo de perceber como de fato atuam diante da população de Soure. No que diferem entre si e como tem sido a evolução histórica de suas práticas e influências.

Os padres e freiras católicos desenvolvem um padrão de relacionamento com o público católico bastante contraditório. Se os sacerdotes exercem um controle eclesiástico em relação à religiosidade popular, até certo ponto, as vantagens da aliança entre ambos estavam evidentes no exercício da autoridade eclesiástica frente ao prefeito e ao interventor. Antes disso, todavia, o ano de 2000 servira para a população de Soure não só expulsar prefeito corrupto, mas também dois padres, considerados “de fora”.

A participação de eclesiásticos, nos acontecimentos de 2000, não ficou limitada ao bispo e a madre superiora. Na época, havia um padre responsável pelo serviço religioso regular, vindo de Minas Gerais. Era jovem, e sua participação no movimento dos servidores era muito pequena. No auge da crise, algumas professoras começaram a coletar alimentos para os mais necessitados. Esse padre se negou a doar alimentos da dispensa da Igreja e teria feito um comentário que causou um sério mal-estar. A professora que lhe pediu donativos, para dar uma ideia da gravidade da situação, afirmara que “o povo está tendo que comer castanha de caju torrada no quintal!”. Era época de caju, fruta abundante nos quintais e praias de Soure, e uma das únicas a frutificar em agosto e setembro. O padre teria dito: “Então estão passando bem, pois na minha terra castanha de caju é uma comida fina e cara”.

Tal diálogo estava sendo comentado nas ruas, durante o mês de setembro, como evidência da insensibilidade do padre, que não só assumia sua alteridade, como nem se identificava com o povo local nem se solidarizava com ele. O padre mineiro terminou sendo transferido da cidade, substituído por outro vindo do Ceará. Este, tendo chegado a Soure em dezembro de 2000, desligou-se três meses depois, devido a uma crise de estafa. Comentava-se na cidade, inclusive na Igreja, que ele também tivera sérios problemas de relacionamento com os fiéis católicos de Soure, uma comunidade bastante organizada, o que resultou em seu afastamento.

Em 08 de dezembro de 2001, por outro lado, Soure finalmente assistiu à ordenação de um padre nascido, criado e ordenado lá mesmo, irmão carnal do “leigo” responsável pela organização do Círio de 2001. Tal ordenação aconteceu no ginásio da cidade e foi motivo de grande festa. No mesmo dia, realizava-se o Círio da Vila do Pesqueiro, o balneário mais importante da cidade, a festa de Iemanjá, na Praia do Hotel Ilha do Marajó e mais outra festa de pajelança, no sítio de um morador, que festeja seus “encantados” na mesma data, reforçando a importância deste dia no calendário religioso local.

O Círio de 2001 permitiu considerar, de várias maneiras, como os líderes eclesiásticos dividem seu trabalho religioso, em torno da promoção da festa, com os especialistas leigos do catolicismo popular. Em 2001, a Igreja Católica optou por uma participação bem mais discreta na festa. O puxador do Círio não foi mais a madre superiora, e sim um “leigo”, de fato um rapaz dos mais atuantes na vida religiosa do catolicismo de Soure, irmão do Padre recém ordenado. Legítimo representante da comunidade, aos olhos dos agentes eclesiásticos, conduziu a festa, ao longo dos dias de sua realização. Essa mudança, confirmada pelas freiras, como uma opção de deixar as “festas populares sob responsabilidade do povo”, ajudava a perceber como funciona,

em Soure, o que Raymundo Heraldo Maués chamou da tensão constitutiva do catolicismo eclesiástico frente o catolicismo popular, na Amazônia⁸.

O Círio de Soure, nos seus primeiros dias, demonstra ser, entre outras coisas, uma dramatização desta luta. Na sexta-feira, o Círio dos estudantes é uma cerimônia pequena, realizada pelos colégios, com alunos uniformizados, os padres e as freiras, e os “leigos” diretamente ligados ao catolicismo. A imagem da Virgem é levada de um colégio, bem no centro da cidade, até uma capela num bairro da periferia. É um cortejo onde a voz da procissão está muito ligada às pessoas da Igreja.

Ao longo do extenso percurso da transladação da Virgem, que caminha por diversas ruas e bairros de Soure, o número de fiéis vai aumentando. Ao mesmo tempo, o “discurso” eclesiástico, seja dos sacerdotes, seja dos “leigos”, vai diminuindo, sendo substituído cada vez mais por cânticos e exclamações de louvor. Ou seja, a ideia que a Igreja, enquanto instituição, a representante da grande tradição católica apostólica romana, faz do culto mariano, dos ideais de salvação, agora não mais somente individual, mas também social, vai cedendo espaço, progressivamente, ao estilo de culto característico do catolicismo popular, aonde a santa é celebrada com festa, fogos, cânticos, e depois muita comida e bebida.

No dia de domingo, quando acontece o Círio propriamente dito, a festa popular predomina. É de manhã, o clima ainda não está muito quente, e a imagem da virgem deixa a Igreja de São José em direção ao cruzeiro da cidade, situada em sua praça, atrás do ginásio da cidade, no bairro central. Nesta primeira parada, a procissão faz como que uma pequena concentração, recebendo a presença dos retardatários. Daí em diante, o cortejo segue por diversas ruas da área central, até voltar à Igreja Matriz, quando é “devolvida” aos sacerdotes.

No caso do protesto dos evangélicos, na frente da Igreja Matriz, durante o Círio de 2001, deve ser levado em consideração que o mesmo foi promovido pela juventude da Assembleia de Deus, fato confirmado pelo pastor da época. Tanto em Soure como em Salvaterra, a Assembleia de Deus vem perdendo seu caráter de culto de conversão, tornando-se uma tradição religiosa, devidamente celebrada por e para toda uma geração de adeptos que já nascem evangélicos. Em 2000, a Assembleia celebrou seus 40 anos em Salvaterra, e, em 2002, seus 90 anos em Soure. Realizando grandes festivais, inclusive com procissões pela cidade, com grupos de senhoras, jovens e crianças devidamente caracterizados, essa Igreja celebrava seu sucesso e sua consolidação. Chamava a atenção, nos dois casos, o grande número de jovens casais com filhos, assistindo aos depoimentos e louvores realizados pelos pastores pioneiros e suas esposas, além das lembranças dos primeiros conversos, já muito idosos.

Nesse sentido, o caráter profético dessa denominação evangélica parece ser, nesse campo, coisa do passado. Os adeptos mais antigos contavam histórias heroicas, da “chegada do evangelho” no Marajó, algumas recheadas de misticismo, outras de piedade, outras de perseguições por parte dos católicos. Os primeiros pastores foram verdadeiros profetas,

⁸ Maués (1995, p. 475) e (1999, p. 171) demonstra que, nesse embate, o catolicismo popular saiu vitorioso, frente aos embates históricos da romanização. Com o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação, a valorização das versões populares do catolicismo vem ganhando espaço.

missionários de uma nova e extraordinária modalidade de cristianismo, enquanto os pastores atuais fazem parte de uma estrutura altamente burocratizada, sendo substituídos periodicamente, atendendo aos interesses da direção da Igreja, sediada na cidade de Belém, a dois quarteirões do Largo de Nazaré. Tal burocratização do culto não dá espaço para lideranças carismáticas nem discursos proféticos.

Caracterizar os pajés, em particular, como feiticeiros, por sua vez, também é relevante. Os pajés, particularmente os homens, gozam de grande prestígio nesta região do Marajó, na condição de “curadores”. Realizam curas por meio do rito “da pena e do maracá”, com evidentes raízes indígenas. Mesmo que em seus terreiros sejam cultuadas entidades de Umbanda e da Mina paraense e maranhense, é a cura mágica que os identifica. As mulheres, pelo contrário, tendem a serem vistas como “mulheres que fazem trabalhos”, feiticeiras, no sentido vulgar, mesmo que desenvolvam os mesmos ritos que os homens. Esse padrão não é exclusivo da Ilha de Marajó, tendo sido encontrado por Villacorta (2000), no continente, nas cidades de Colares e da Vigia, onde as pajés são associadas à figura mítica da “matintapereira”⁹.

Tais questões de gênero tem outros desdobramentos. A Federação Umbandista do Pará, com sede em Belém, se faz representar em Soure. Não há uma federação umbandista da Ilha do Marajó. A Federação cobra uma anuidade, que funciona como uma espécie de alvará. Metade dos pajés e mães de santo de Soure, estão filiados, e são os que têm maior prestígio e visibilidade. Outra metade, funciona de maneira “ilegal” e informal, do ponto de vista dos primeiros.

A relação dos pajés com o crescente mercado turístico de Soure é o que mais chamava a atenção, todavia. Verifica-se culto aos encantados tanto na fazenda São Jerônimo, quanto em mais dois hotéis da cidade, todos situados junto a praias e outros locais associados as encantarias. Outra pousada, famosa na década de 1980, e hoje completamente abandonada, tem sua ruína associada à negligência de um gerente, que parou de cultuar as encantarias de seu terreno. Conscientes de que a natureza circundante de Soure é um de seus maiores atrativos, para o turismo ecológico que promove e consome a Amazônia, os pajés enfatizam que são eles os guardiões e interpretes desta natureza, profundamente simbolizada. Em seu discurso, os Encantados, quando devidamente cultuados, garantem prosperidade, e quando negligenciados, tal negligência conduz à ruína.

Em meio à crise política, estudantes e professores da rede escolar, comerciantes e profissionais da área do turismo, contavam e recontavam histórias a respeito de políticos fazendo e traindo pactos com os pajés e suas entidades simbólicas, os encantados. Tais políticos buscavam poder e, principalmente sucesso econômico em seus empreendimentos, mas desrespeitavam os encantados, não retribuindo com as obrigações e oferendas exigidas ou simplesmente não protegendo a natureza onde eles vivem, as praias, bosques, nascentes. O resultado da traição era o fracasso dos seus empreendimentos.

⁹ Matinta Pereira é o nome dado a um tipo de passarinho, que canta na floresta sem que seja visto, também conhecido como Saci (Tapera Naevia). É associado à feitiçaria e as feiticeiras que poderiam se transformar nelas para espionar alguém ou fazer um feitiço. É um termo pejorativo quando se usa para se referir a uma mulher.

Considerações finais

A oposição entre o “caráter demoníaco da política” e dos políticos, conforme discutida por Teixeira (1998) e o caráter purificador dos cultos religiosos, para retomar as considerações de Turner (2008), a respeito do caráter reparador do espírito antiestrutural dos ritos, fica bem evidenciado nos eventos ocorridos em Soure ao longo do ano 2000. Os embates ocorridos durante o Círio de 2001, por sua vez, permitem uma reconsideração das questões iniciais, a respeito do estudo das relações políticas de um campo religioso e da influência política de seus atores. É preciso reconsiderar, novamente, a especificidade dessa situação a partir das diversas “metáforas rituais” que todo esse campo religioso produziu.

Em seu texto de 1997, Pierre Sanchis discute a perda da hegemonia católica no cenário religioso brasileiro, resultando em novos processos de definição e gerenciamento de identidades sociais. Certas tendências presentes em Soure faziam bastante sentido a partir da sua discussão. O catolicismo tendo que se acomodar as suas versões locais, sincréticas e nativas, que cada vez mais ganham espaço de identidade católica, com suas procissões e festas de terreiro para os santos católicos, com um peso crescente da influência das freiras, das matriarcas e das festeiras. No jogo do controle eclesiástico, onde os principais símbolos sagrados circulam entre as lideranças leigas e as lideranças eclesiásticas, vale a pena acompanhar as direções e definições que surgiram e que irão prevalecer. Não é simplesmente uma questão de perguntar “Há quem pertencem os Santos”? Mas, nas mãos de quem estão em que momento. Essa questão era evidente na época e deve continuar presente até hoje, desde o Círio de Belém até os círios menores das vilas e ranchos da Ilha do Marajó e do interior do Pará.

O que mais chamava a atenção, visto hoje, foi a ocupação dos espaços públicos, com uma maior visibilidade de novos agentes com novos discursos. Os pentecostais já participavam da vida política local, mas não de uma vida política pública, ocupando espaços públicos como passaram a fazer, após a crise política de 2000 e a eleição do prefeito independente. Um pentecostalismo que sempre se destacou no cenário evangélico, frente aos protestantes históricos. No caso de Soure, por sua vez, A IURD tinha pouca expressão na região, na época era mais um culto de jovens. Valeria a pena saber se o apoio das lideranças evangélicas e pentecostais aos políticos chegou ao ponto destas lideranças concorrerem a cargos eletivos.

Outra questão que surge aqui tem a ver com o caráter mais festivo que a vida política e social da região apresenta. Os assembleianos começaram a preparar tacacás nos seus eventos, um prato típico fácil de fazer e muito social no seu consumo, além das suas bandas animarem, à sua maneira, os seus eventos. Havia, na época, uma polemica em Soure, sobre a celebração do centenário da fundação da Assembleia de Deus, em 2012. Se estaria de acordo, ou não com o estilo austero do culto pentecostal. Pude retornar à região em 2013, no ano-novo, e a efeméride havia sido comemorada com a inauguração de um “centro Histórico” da Assembleia de Deus, junto ao primeiro templo, do outro lado da rua do templo principal, atendendo as demandas de um turismo religioso que também se estabelecera entre eles, segundo os dirigentes neste novo momento.

A pajelança, se sobrepõe, como identidade, seja ao kardecismo, muito discreto, seja a Umbanda e aos cultos da Mina...embora todas essas modalidades de culto convivam, sem cruzar as suas linhas, uma questão realmente importante¹⁰. A pajelança começava a desenvolver um discurso de preservação ambiental, a partir de seus próprios termos, mais místicos do que ecológicos e se articulando com um discurso de preservação da Cultura Amazônica, que representa à sua maneira, junto com outras manifestações e agências caboclas, negras e quilombolas. Não havia uma perseguição evangélica às religiões de matriz africana, que compõe a identidade marajoara, paraense e amazônica. Esse discurso apontava para várias direções. Muitos Encantados são entidades ligadas a determinados locais, cujo acesso precisa ser negociado junto aos proprietários das terras, sejam fazendeiros ou empresários, sejam as Igrejas, ou os órgãos governamentais como o IBAMA, no caso das áreas de preservação ambiental. Essas lideranças religiosas negociam o seu acesso a essas áreas, para os seus trabalhos junto à sua crescente clientela. Essa natureza e sua magia tornaram-se atrações turísticas cada dia mais valorizadas na região, processo o qual também os valoriza como especialistas culturais e ecológicos.

Diante do avanço do progresso agrícola para a região, esses discursos crescem em meio as suas diversas contradições locais. Soure é um centro urbano de um mundo rural dominado por uma elite poderosa¹¹. Originalmente, um aldeamento jesuíta, teve suas terras distribuídas para senhores portugueses quando da expulsão dos religiosos pelo Marquês de Pombal em meados do século XVIII. Com o surgimento do período da Borracha, seus rebanhos de gado abasteciam Belém de carne, queijo, manteiga, além de pescados e frutos, produtos característicos da região até hoje. Muitas terras mudaram de mãos, com o surgimento de uma nova elite fundiária e comercial.

Todas essas suas tradições religiosas contam histórias do início do século XX, na qual um padre católico, o próprio Gunnar Vingren, fundador da Assembleia de Deus, ou o “pretinho da Bacabeira”, um encantado cultuado na cidade, amaldiçoaram e venceram fazendeiros arrogantes que os haviam perseguido. No início do século XX, o padre católico local se indispôs com uma das famílias dominantes da região, que o espancaram e o expulsaram de lá. Esse padre teria amaldiçoado essa família que sempre foi marcada, desde então, por tragédias familiares e econômicas. Há vinte anos ainda vivia uma descendente na cidade, com uma pequena pousada, onde, contavam, havia acontecido dois crimes. Ela era famosa por não pagar os seus funcionários.

Quando Gunnar Vingren esteve em Soure dando início às suas atividades missionárias, outro fazendeiro teria dito: “Maldito! Que uma Onça te Coma”. Dias depois, quando voltava para a fazenda a cavalo, foi atacado e morto por uma onça, que saltou de uma árvore. Outro fazendeiro, também um homem muito violento, foi encontrado espancado e morto no local

¹⁰ Goldman (2017) dedicou uma discussão a esse tema, em sua crítica ao sincretismo afro brasileiro. Procurando falar de “relações afroindígenas”, como encontrou no Sul da Bahia e também se encontra na Ilha do Marajó, para descrever contextos culturais muito particulares onde essas populações e seus elementos culturais dialogam historicamente. Em ambos casos nunca se deve “cruzar as linhas”, ou seja, misturar os específicos universos simbólicos de cada casa de culto que se reconhecem, assim mesmo, como fazendo parte de um conjunto maior, seja religiões de matriz africana ou simplesmente “O povo do Santo” ou O culto dos Encantados, ou a Pajelança.

¹¹ A UDR paraense nascera em Soure. Seus criadores de gado passaram a ter fazendas na Belém- Brasília, em Paragominas e tem até hoje uma presença marcante na política estadual e nacional.

associado ao “Pretinho da Bacabeira”, um encantado importante que habita uma antiga enseada às margens do Rio Paracauari. Esse fazendeiro também teria desrespeitado o Pretinho e o seu local, sendo punido por ele. Muito tempo depois, tentaram construir um aterro nesse local, entre as suas duas margens, sem que o Pretinho tivesse sido consultado. O aterro terminou desabando, devido às fortes correntezas do Rio, e o local foi deixado em Paz. O Pretinho era cultuado em dois lugares nas duas margens. Essas histórias fazem parte do imaginário cultural, político e religioso local e ajudam a situar tensões políticas a partir de seu campo religioso. Afinal, pajés, pastores e padres já foram perseguidos pela elite fundiária, tendo uma atuação enquanto mediadores culturais e políticos reconhecida desde o início da República. Os acontecimentos do ano 2000 estavam atualizando essa mediação.

Em um artigo instigante, Montero, Arruti e Pompa (2011) chamam a atenção, a partir da noção de “tempo da Política” de Moacir Palmeira, como, durante as eleições, os diversos grupos políticos passam a existir publicamente para afirmarem a sua existência plena, e garantir o seu lugar no jogo político. Em um momento de crise política como o vivido em Soure, as dimensões simbólicas do jogo político local vieram à tona, com essas histórias sendo contadas continuamente. Esses processos sociais e simbólicos articulam diferenças que se legitimavam, mais uma vez, enquanto as diferenças que compõe aquele campo político.

Em outro texto, crítico ao anterior, Lorenzo Macagno (2014), questiona a ênfase dada nas “políticas de reconhecimento” em torno dos mecanismos de produção de consensos, por novos agentes sociais, no atual cenário político. Macagno irá chamar a atenção para que o problema não é o reconhecimento em si, mas que tipo de relações políticas são reconhecidas e articuladas entre si. O campo religioso de Soure conseguiu produzir um consenso em torno do seu candidato em 2000, mas soube também dramatizar suas diferenças em disputas por espaços sociais, simbólicos e políticos em 2001. Essas disputas continuariam até as eleições de 2004, quando candidatos consagrados da política convencional concorreram entre si e um deles venceu as eleições.

Neste texto de 2011, citado acima, seus autores partem da constatação de que a “Antropologia é inevitavelmente política” e sugerem que o Político deva ocupar “o lugar teórico-metodológico” antes ocupado pelo conceito de Cultura, já que, cada vez mais, os estudos centrados na noção de Cultura têm se transformado em estudos sobre a vida política de algum lugar. Sem querer entrar no mérito da reconceituação do “político” e da “Cultura” que estes autores fazem, concluo que este estudo aqui apresentado se encaixa no que eles estão propondo, desde que não esqueçamos que tanto “Cultura” quanto “Política” são também, termos “nativos” com diversos significados distintos e divergentes nos contextos sociais onde realizamos nossas pesquisas.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FIGUEIREDO, Sílvio L. **Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2000.
- GOLDMAN, Márcio. **Como funciona a Democracia: uma teoria etnográfica da Política**. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.
- GOLDMAN, Márcio. Contradiscursos Afroindígenas sobre Mistura, Sincretismo e Mestiçagem: Estudos Etnográficos. **R@U**, São Carlos, v. 9, n. 2, p. 11-28, jul./dez. 2017.
- HEREDIA, Beatriz M. A. Entre duas eleições. Relação político eleitor. *In*: HEREDIA, Beatriz M. A.;
- TEIXEIRA, Carla; BARREIRA, Irllys. Como se fazem eleições no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002
- KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da Política: uma perspectiva brasileira**. Oxford: Centre for brazilian studies. Working Paper, 2005.
- KUSCHNIR, Karina. **Eleições e representações no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/NUAP, 2000.
- MACAGNO, Lorenzo. **Uma antropologia do Político?** Lisboa: Analise Social, 2014.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma “outra” invenção a Amazônia**. Belém: CEJUP, 1999.
- MONTERO, Paula. Magia, racionalidade e sujeitos políticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 72-90, 1994.
- MONTERO, Paula. Religiões e dilemas da sociedade brasileira. *In*: MICELI, S. (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. v. 1. São Paulo: Sumaré/ANPOCS, 1999. p. 327-367.
- MONTERO, Paula, ARRUTI, José M.; POMPA, Cristina. Para uma antropologia do político. *In* LAVALLE, Adrian Gurza (org). **O Horizonte da política - Agendas de pesquisa e questões emergentes**. São Paulo: Ed. UNESP. 2011
- PALMEIRA, Moacir G. S.; HEREDIA, Beatriz M. A. Os comícios e a política de facções. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, n. 94, p. 31-94, 1995.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. *In*: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (org.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 103-115
- TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. **Cultura, pensamento e ação social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- TEIXEIRA, Carla C. **A honra da política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

TEIXEIRA, Carla; BARREIRA, Irllys. **Como se fazem eleições no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e Metáforas**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

VILLACORTA, Gisela Macambira. **As mulheres do pássaro da noite**: pajelança e feitiçaria na região do Salgado. 160f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA, Belém, 2000.